



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## **ABRIGOS CLIMÁTICOS COMO ESPAÇOS DE ESPERANÇA E PLANEJAMENTO COLABORATIVO<sup>1</sup>**

**Autor<sup>1</sup>: Leonardo Kefalás**

**Autor<sup>2</sup>: Gabriel Pires de Araújo**

**Autor<sup>3</sup>: Marcos Tavares de Arruda Filho**

<sup>1</sup> Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, leokefalas@usp.br

<sup>2</sup> Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, gabriel.pires.araujo@usp.br

<sup>3</sup> Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, marcostavares@usp.br

**GT 2: Abordagens Participativas para o Enfrentamento de Desigualdades Sociais e Emergência Climática**

### **RESUMO**

As mudanças climáticas impactam principalmente territórios e grupos vulnerabilizados, e muitas cidades não estão preparadas para seus efeitos. Assim, deve-se refletir e propor soluções no planejamento territorial. Os abrigos climáticos surgem como espaços essenciais para aumentar a resiliência local, funcionando não apenas durante eventos climáticos extremos, mas também como centros de construção de cidadania. Este trabalho defende que abrigos climáticos sejam projetados a partir das particularidades de cada comunidade, usando um planejamento comunitário. O estudo de caso foca na cidade de Santos, no estado de São Paulo, onde desenvolveu-se elementos para projetar uma visão de abrigo climático em conjunto com a população local através da comunidade escolar. Teoricamente, o trabalho relaciona os conceitos de espaços de esperança à necessidade de construir visões dentro do debate sobre planejamento climático. Resultados preliminares apontam a importância de adaptar experiências às especificidades de cada território partindo da contribuição de métodos participativos com

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi financiado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Os autores também agradecem ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, no âmbito do projeto Abrigos Climáticos no Litoral de São Paulo.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**SUSTENTABILIDADE**



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

aqueles que são mais atingidos pela emergência climática.

**Palavras-chave:** Planejamento Climático; Planejamento Colaborativo; Abrigos Climáticos; Co-produção; Espaços de Esperança.

### **Destaques (highlights)**

- O advento da emergência climática com o consequente aumento na ocorrência e intensidade de eventos extremos demanda a reflexão e proposição de soluções que partam de conhecimentos inter e transdisciplinares;
- A concepção de abrigos climáticos pensados pela lente da Justiça Climática considera que não são apenas espaços para serem acessados durante eventos extremos, mas sim um local de emancipação e construção de cidadania;
- Co-construir soluções por meio de um planejamento colaborativo é essencial para que as mesmas sejam efetivas e justas;
- A comunidade escolar é fundamental para adentrar no território quando o intuito é um planejamento colaborativo para a adaptação às mudanças climáticas através de abrigos climáticos.

## **INTRODUÇÃO**

A emergência climática que assola as sociedades atualmente atinge principalmente grupos já vulnerabilizados pela crise socioambiental vigente (Torres et al., 2021; Araújo; Rodrigues; Dunder, 2023). Em um contexto onde a grande maioria das cidades não estão preparadas para o aumento na frequência e intensidade de eventos extremos, é imperativo refletir e propor soluções no campo do planejamento territorial (em um diálogo conjunto a partir das ciências sociais aplicadas e das ciências ambientais) que partam de proposições contexto-específicas que tenham como objetivo adaptar à esta emergência climática (IPCC, 2022). Os abrigos climáticos surgem como proposição de espaços essenciais para aumentar a resiliência local, funcionando não apenas durante eventos climáticos extremos, mas também como centros contínuos de construção de cidadania (Amorim-Maia et al., 2023). Este trabalho defende que abrigos climáticos devem ser projetados a partir das particularidades de cada comunidade, partindo-se das contribuições de um planejamento colaborativo (Torres, 2009).

Para tanto, é apresentado o estudo de caso da cidade de Santos, São Paulo, em que foram desenvolvidos elementos para projetar uma visão de abrigo climático em conjunto com a população local tendo a comunidade escolar como porta de entrada. Teoricamente, o trabalho relaciona espaços de esperança (Harvey, 2000) à necessidade de construir visões dentro do



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

debate sobre planejamento climático com uma co-construção que abarque elementos que vão da percepção de jovens e crianças em idade escolar sobre seu ambiente, bem como as emoções e reações que cercam o debate climático (Börner, 2023).

O campo do planejamento territorial (Klink et al., 2016) não possui tradição, no Brasil, de investigações que entrelaçam planejamento e mudanças climáticas<sup>2</sup>. São incipientes e emergentes os estudos que se debruçam sobre o tema (Leonel, 2024). Por outro lado, em relação ao tema de riscos e desastres, gestão de riscos ou mesmo sistemas de alertas centrados em humanos, são inúmeras e robustas as contribuições (Trajber et al., 2019). A questão que se coloca, no entanto, é: mas o que fazer após o alerta? Para onde ir, como ir? E mais: como fortalecer ao longo do ano o entendimento da importância da questão climática nas comunidades? Tratam-se de questionamentos importantes para quando eventos climáticos severos atinjam os territórios, os mesmos estejam mais preparados, e para que no dia a dia possam, também, exercer o controle social e pressionar o poder público e privado para ações concretas no tema. É aqui que a discussão sobre abrigos climáticos se ancora. É sobre esse debate que o presente artigo está centrado, com objetivo de avançar no tema, a partir dos territórios na interface entre o planejamento urbano e o planejamento ambiental e suas dimensões plurais do campo.

Desta maneira, este artigo busca contribuir com o campo dos estudos urbanos críticos, articulando o conceito de espaço de esperança proposto pelo geógrafo marxista David Harvey, (Harvey, 2000), com a ferramenta metodológica EMPOWER (Börner, 2023), os estudos críticos sobre abrigos climáticos (Amorim-Maia et al., 2023) e a necessidade imperativa de um planejamento comunitário, colaborativo, desde os territórios (Torres, 2009). Com o aumento - de intensidade e frequência - da crise climática, a busca por soluções para os impactos dos eventos extremos na cidade tende a aumentar (IPCC, 2022). Seja pela necessidade de agir, seja pelo fortalecimento de uma agenda internacional e toda sua rede de articulação entre municípios, consultorias, financiamento e outros mecanismos (Porto de Oliveira, 2022). Nesse

---

<sup>2</sup> Exceções que valem o registro são os trabalhos “Urbanização e apropriações sociais das mudanças climáticas” de Henri Acselrad, 2006. Cadernos IPPUR/UFRJ, v. 20, p. 77-106, 2006. E a Tese de doutorado (UFRJ) de Maria Fernanda Lemos “Adaptação de Cidades para Mudança Climática: uma metodologia de análise para os planos diretores municipais, 2010”. O periódico Cadernos Metrópole, referência no campo, recentemente organizou um Dossiê especial sobre o tema da Crise Climática, Cidades e Reforma Urbana <https://revistas.pucsp.br/metropole/58pt> Na base de pesquisa da principal revista do campo - Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais - o descritor “mudanças climáticas” encontra apenas três artigos em toda a base.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

sentido, é fundamental observar com atenção e diferenciar o que são soluções produzidas a partir de necessidades e demandas locais, e soluções de mercado, ou construídas hierarquicamente “de cima para baixo” e que ao invés de rumar para a produção de uma cidade justa, reforça desigualdades e privilégios (Torres et al., 2023).

### *Espaço de Esperança*

David Harvey (2000) aborda, em *Espaços de Esperança*, o processo de globalização contemporâneo como um projeto geopolítico e fabricado em prol de interesses dos países centrais e que produz desenvolvimentos geográficos desiguais e disparidades socioeconômicas e políticas, enquanto produz sua própria desmobilização. São as contradições e paradoxos da própria globalização e que oferecem, segundo o autor, as oportunidades para a emergência da luta contra hegemônica. Nesta obra, Harvey explora as ideias de "homem" e "corpo" assim como "ambiente" e "mercadoria". É, nesta direção, que Harvey convoca a todos para sermos “arquitetos rebeldes”. Ou seja, reservar e produzir um espaço não apenas para a reflexão crítica, mas, sobretudo, para o florescimento desta autotransformação, onde a negociação e o conflito, “que está sempre na base de todas as práticas políticas e arquitetônicas” e que “envolve as pessoas que buscam transformar umas às outras e ao mundo, assim como a si próprias” (Harvey, 2000, p. 309) possa ser utilizada como ferramenta neste processo de renovação.

Abrigos climáticos, se planejados de forma colaborativa “de baixo para cima”, respeitando saberes e práticas existentes nos territórios, bem como fortalecendo e amplificando demandas e necessidades locais, tem potencial para ser esse espaço de encontro e ativação da cidadania frente aos desafios de nosso tempo. Por isso a importância do abrigo climático não apenas em sua dimensão física, estrutural. Ele precisa, de forma imperativa, estar conectado a outras dimensões. Para o presente estudo a forma encontrada de garantir esta construção de visão colaborativa foi através da ferramenta EMPOWER<sup>3</sup> (Börner, 2023) - que em português pode ser traduzida como o acrônimo dos seguintes termos: Empoderar, Dar poder/autonomia, Fortalecer, Capacitar.

---

<sup>3</sup> Princípios do EMPOWER em inglês: Engagement (Engajamento), EMotions (Emoções), Participatory practices (Práticas participativas), HOpe (Esperança), Well-being (Bem-estar), Education (Educação), Reflections (Reflexões).



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## *A Ferramenta Empower*

A ferramenta Empower parte da constatação do papel das emoções para o enfrentamento de riscos de desastres e de outras questões relacionadas à problemática socioambiental. Para isso, a inserção das experiências de jovens no que concerne às suas emoções do cotidiano no âmbito da construção de resiliência recorre a metodologias de pesquisa participativa e comunitária. A ferramenta busca trazer elementos para uma adaptação efetiva que parte da transformação da convivência cotidiana com o risco de desastre em uma mudança transformativa, reconhecendo e validando um aspecto que em geral é desconsiderado seja nas reflexões sobre a temática, seja na proposição de ações concretas por parte do poder público (Börner, 2023).

Partindo do Framework proposto por Börner (2023), a aplicação da ferramenta no estudo de caso é proposta para o âmbito da comunidade escolar, haja vista a potencialidade da aplicação dos elementos constitutivos da ferramenta nesse contexto e o papel da juventude como multiplicador de uma mudança transformativa que decorre da coletividade, conforme será detalhado na metodologia.

## **METODOLOGIA**

Este estudo possui dois procedimentos metodológicos complementares: a triangulação múltipla (Santos et al. 2020) e o estudo de caso (Alves-Mazzotti, 2006). A triangulação é uma abordagem que combina a revisão bibliográfica, revisão documental e análise socioterritorial. A revisão bibliográfica incluiu os temas dos abrigos climáticos, do conceito de espaço de esperança e de planejamento colaborativo, assim como sobre a vulnerabilidade de cidades costeiras e da justiça climática, fornecendo uma base teórica que traduz o posicionamento desta pesquisa.

A análise socioterritorial foi conduzida a partir de um estudo de caso na Unidade Municipal de Ensino Irmão José Genésio, localizada no morro José Menino em Santos-SP, levando em consideração aspectos como o uso do solo, a infraestrutura escolar e a interação da comunidade escolar com o ambiente construído. A pesquisa buscou identificar necessidades, demandas, sentimentos e emoções que possam contribuir na construção de uma visão de abrigo climático e de uma estratégia de resiliência comunitária. A revisão documental abrangeu documentos como o Plano de Ação Climática de Santos, o Plano Municipal de Contingência para Ressacas e Inundações, o Plano Diretor de

5

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**SUSTENTABILIDADE**



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Desenvolvimento e Expansão Urbana, Lei de Uso e Ocupação do Solo da Área Insular, os dados do questionário do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), coordenado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais e o Plano Municipal de Redução de Riscos do Município de Santos.

De forma complementar e para ilustrar o debate é apresentado o estudo de caso na cidade de Santos, estado de São Paulo, reconhecida como pioneira no planejamento climático (Pinho, Granziera, 2019). A partir de diálogo e co-criação transdisciplinar (Haas et al., 2022), a escolha do caso foi realizada de forma conjunta com o poder público a partir de critérios mínimos como a suscetibilidade a eventos climáticos extremos e potencial de envolvimento da comunidade escolar. O objetivo do estudo de caso não é avaliar se este caso é exemplar e direcionador de como devem ser os abrigos climáticos na cidade, mas ilustrar o debate, numa perspectiva crítica, sobre a necessidade de co-criação, mediação, análise e possibilidades em uma agenda emergente de investigação para explorar o tema neste contexto.

Partindo das leituras e análises críticas da experiência de Barcelona, que transformou espaços públicos em abrigos climáticos capazes de oferecer conforto térmico para grupos vulnerabilizados (Amorim-Maia et al., 2023), este artigo apresenta resultados da iniciativa colaborativa com um equipamento público educacional, devido ao seu potencial de implementar estratégias e pela possibilidade de replicação dessas estratégias em outros edifícios e espaços urbanos. Assim, a UME Irmão José Genésio foi selecionada em conjunto com a prefeitura de Santos.

Entre as atividades desenvolvidas, e com objetivo de sensibilizar e aprender em conjunto com a comunidade escolar, foi realizado uma oficina do material Detetive Climático, uma ferramenta pedagógica que procura analisar injustiças climáticas no território a partir de elementos e vivências práticas do dia-a-dia, adaptado para zona costeira e em diálogo com o Empower (Börner, 2023). A oficina pedagógica contou com 21 alunos do 7º ano do ensino fundamental II com idades entre 12 a 14 anos, faixa etária acordada colaborativamente com integrantes do poder público local, e foi conduzida em uma sala de aula fornecida pela equipe da escola, previamente organizada para a formação de grupos de até 5 alunos. A oficina foi dividida em três momentos:



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

1. primeiro foi realizada uma breve introdução sobre mudanças climáticas e impactos no território;
2. em seguida, foi entregue o caderno de atividades do Detetive Climático, que foi preenchido pelos alunos com informações pessoais (idade, raça, mobilidade) e com desenhos e respostas que ilustravam o registro de memórias relacionadas ao clima e ao ambiente;
3. por fim, os estudantes foram incentivados a compartilhar suas percepções em uma discussão guiada. Esta atividade contou com o uso do caderno de atividades impresso, crachás de identificação que os separavam em grupos, além de registros visuais da oficina;

Assim como no Empower (Börner, 2023), que prevê um processo continuado e dialógico para o desenvolvimento do planejamento colaborativo, a adaptação do Detetive Climático consistiu de uma etapa posterior ao dia da Oficina. Para esta etapa, tal qual um detetive, o aluno deveria investigar e desvendar as memórias sobre tempo e clima com seus familiares: cheias e inundações históricas, períodos de escassez marcantes, chuva de granizo com danificação dos telhados e janelas, entre outros registros relevantes.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

O uso da ferramenta Empower (Börner, 2023) parte de uma concepção de abrigos climáticos para além de uma infraestrutura física que contribua para a proteção de indivíduos no contexto da ocorrência de desastres socioclimáticos (Amorim-Maia et al., 2023). Compreende-se aqui que a co-construção de soluções por meio de um planejamento colaborativo é essencial para que as mesmas sejam efetivas e justas, contribuindo para o empoderamento de comunidades e indo além do conservadorismo tecnocrático usual do planejamento urbano (Torres et al., 2023). A co-construção de Abrigos Climáticos como uma solução adaptativa tem seus efeitos benéficos potencializados por meio do Empower ao permitir que, por meio de metodologias participativas e colaborativas: tenha-se um conhecimento mais acurado do território; estimule-se um maior envolvimento da comunidade e; considere-se a percepção emocional das pessoas no enfrentamento do risco de desastre. Com essa abordagem, reitera-se que os abrigos climáticos no contexto brasileiro não podem ser pautados por uma visão meramente



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

tecnocrática, mas sim devem ser tomados como parte de uma mudança transformativa, empoderadora e que promova a justiça climática, como um efetivo enfrentamento da emergência climática exige (Araújo; Rodrigues; Dunder, 2023). Uma mudança que, como dito por Börner (2023 p. 11), só pode ocorrer se for

“[...] coletivamente; portanto, abordagens intergeracionais e de pares para envolver e partilhar abertamente emoções (tais como tristeza, ansiedade, alegria e esperança) através das divisões investigador/educador/participante são fundamentais para desenvolver a reflexividade crítica e a esperança coletiva como uma práxis de preparação para catástrofes (Börner, 2023, p. 11)”

Neste estudo, com a utilização dos resultados da oficina continuada e adaptada do Detetive Climático, é possível perceber que analisar aspectos da percepção juvenil em relação às mudanças do clima e seus efeitos, principalmente refletindo os impactos mais notados pelos alunos. Os resultados demonstram uma realidade específica das emoções e percepções vivenciadas pela comunidade do morro José Menino, localizado na macrozona morros, que apresenta lacunas de percepção entre a realidade territorial e o modo como os estudantes vivenciam sua realidade local.

Essas reflexões também nos conduzem à necessidade de um olhar mais atento para o papel das escolas e das comunidades no enfrentamento dos desafios climáticos e socioeconômicos, considerando as interações entre o ambiente natural, a infraestrutura urbana e as condições de vida das populações. Por meio dessa análise, é possível perceber que a educação, especialmente em contextos como o da UME Irmão José Genésio, desempenha um papel fundamental na conscientização e no enfrentamento das desigualdades socioambientais, uma vez que, ao oferecer suporte pedagógico e desenvolvimento integral aos alunos, contribui para a formação de uma cidadania crítica e engajada com a justiça climática e social. Não apenas com os alunos, mas tendo os alunos como nó de uma rede comunitária que envolve as demais dimensões da comunidade escolar e do bairro.

Propiciar o espaço de encontro de saberes múltiplos e que possibilite a necessária combinação entre os instrumentos de planejamento e políticas públicas existentes, os entendimentos, emoções e percepções dos moradores, aliados ao saber científico - como as projeções e modelagem climáticas - é essencial para o florescimento de espaços de esperança possíveis nos territórios. Trata-se de um movimento duplo e que se retroalimenta. De um lado se fortalece a cidadania ativa dos moradores, ao passo que se constrói visões colaborativas sobre quais são as reais demandas, necessidades e prioridades de cada local.

8

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**SUSTENTABILIDADE**



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Trata-se, no nosso caso, de reiterar a urgência de se imaginar e fortalecer uma visão de adaptação às mudanças climáticas em que os Abrigos Climáticos são projetados e propostos em conjunto com a população local, como no caso - e que poderia ser outro, pois o método aqui é replicável - do Morro do José Menino em Santos, através da co construção transdisciplinar a partir de uma escola municipal. São essas as brechas contra hegemônicas que precisam ser fortalecidas nos territórios, reforçando a conexão local-global, em verdadeiros espaços de esperança (Harvey, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou avançar no debate sobre estratégias climáticas nos territórios, no campo do planejamento urbano e sua interface interdisciplinar, refletindo sobre uma experiência concreta: os abrigos climáticos. O aumento dos eventos climáticos extremos, além da captura dessa agenda por setores privados, transnacionais e consultorias, tem feito crescer a proposição de soluções aos impactos das emergências climáticas nas cidades. Como exposto ao longo do texto, com o caso dos abrigos climáticos não será diferente. Por outro lado, por se tratar de uma inovação do ponto de vista de sua proposição como solução para adaptação às mudanças climáticas no Brasil, existe um caminho aberto para que estas infraestruturas sejam realizadas a partir de um planejamento colaborativo. Resultados trazidos pelo texto destacam a importância de adaptar experiências às especificidades de cada território.

As escolas como lócus fundamentais da aproximação comunitária têm se mostrado importantes. Uma vez que não se trata de engajar e empoderar futuras gerações, através do envolvimento de crianças e jovens, mas, muito além disto, envolver toda a comunidade e rede: pais, avós, responsáveis, familiares, professores, merendeiras, cozinheiras, porteiros, inspetores, diretores, entre tantos outros atores fundamentais e enredado nesta teia. O método do Empower, adaptado à realidade brasileira, tem substancial potencial de captar as necessárias emoções e percepções presentes nos corações e mentes de crianças e jovens em relação a como as mudanças climáticas impactam suas vidas. Como aprendido a partir dos resultados empíricos, mesmo que o tema esteja no cotidiano dos moradores, a conexão não é simples e automática. Sendo a existência dos abrigos climáticos, desde que desenhados como espaços de esperança, uma verdadeira arena para que discussões, aprendizados mútuos, trocas e experiências possam ocorrer, indo



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

para além do importante funcionamento enquanto infraestrutura fundamental na ocorrência de eventos extremos como deslizamentos, inundações, enxurradas ou ondas de calor e frio.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Usos e abusos dos estudos de caso.** *Cad. Pesqui*, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006.

AMORIM-MAIA, A. T.; ANGUELOVSKI, I.; CONNOLLY, J.; CHU, E. **Seeking refuge? The potential of urban climate shelters to address intersecting vulnerabilities.** *Landscape and Urban Planning*, v. 238, p. 104836, 2023.

ARAÚJO, G. P.; RODRIGUES, L. S.; DUNDER, B. D. **A emergência climática sob o neoliberalismo: reflexões desde a perspectiva da Justiça Climática latino-americana.** *Simbiótica*, v. 10, n. 3, p. 57-72, 2023.

BÖRNER, S. **Emotions matter: EMPOWER-ing youth by integrating emotions of (chronic) disaster risk into strategies for disaster preparedness.** *International Journal of Disaster Risk Reduction*, v. 89, p. 103636, 2023.

HAAS, P. M.; MITCHEL, R.; GONÇALVES, L. R. **Advanced scholarship: interdisciplinary research at the science–policy interface.** In: HARRIS, Paul G. (Org.). *Routledge Handbook of Global Environmental Politics*. 2. ed. United Kingdom: Routledge Taylor and Francis, v. 1, p. 1-644, 2022.

HARVEY, D. **Spaces of hope.** Berkeley: University of California Press, 2000.

IPCC. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change.** Editado por Hans-Otto Pörtner. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, p. 3056. Doi: 10.1017/9781009325844. Acesso em: 20 abr. 2024.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

KLINK, J. J.; MOMM, S.; ZIONI, S.; FAVARETO, A.; MENCIO, M. **O campo e a práxis transformadora do Planejamento: reflexões para uma agenda brasileira.** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)*, v. 18, p. 381-392, 2016.

LEONEL, A. L. **Proposta teórico-metodológica para análise de processos de planejamento aplicada ao instrumento de Zoneamento Ecológico-Econômico do estado de São Paulo.** (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território - PGT). Universidade Federal do ABC (UFABC), 2024.

PINHO, R. M. L.; GRANZIERA, M. L. M. **Efeitos das mudanças climáticas na zona costeira: o caso de Santos.** *Revista Eletrônica Leopoldianum*, v. 45, n. 125, 2019.

PORTO DE OLIVEIRA, O.; MASSACO KOGA, N. **Policy transfer capacity: The role of individuals, organizations and systems on the adoption and internationalization of policy instruments.** *Administrative Theory & Praxis*, p. 1–19, 2022.

SANTOS, K. da S.; RIBEIRO, M. C.; QUEIROGA, D. E. U.; SILVA, I. A. P.; FERREIRA, S. M. S. **O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo.** *Ciênc. Saúde Coletiva*, v. 25, n. 2, 2020.

TORRES, N. R. **Planejamento numa sociedade em rede. Práticas de planejamento colaborativo no Brasil.** *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 571-591, 2009.

TORRES, P. H. C.; URBINATTI, A. M.; GOMES, C.; SCHMIDT, L.; LEONEL, A. L.; MOMM, S.; JACOBI, P. R. **Justiça climática e as estratégias de adaptação às mudanças climáticas no Brasil e em Portugal.** *Estudos Avançados (Online)*, v. 35, p. 159-176, 2021.

TRAJBER, R.; WALKER, C.; MARCHEZINI, V.; KRAFTL, P.; OLIVATO, D.; HADFIELD-HILL, S.; ZARA, C.; FERNANDES MONTEIRO, S. **Promoting climate change transformation with young people in Brazil: participatory action research through a looping approach.** *Action Research*, v. 17, n. 1, p. 87-107, 2019.